

O Fingimento – Permanência de um tema pessoano em Agostinho da Silva

*Manuel Cândido Pimentel**

«Mas, Diotima, eu não sou um filósofo. [...] Não, Diotima, sou um poeta: mais imagino a vida que a explico...» (Agostinho da Silva, *Conversação com Diotima*)

O mundo da criação literária e filosófica não se explica pelos condicionismos socioculturais ou com a psicologia particular do autor. Embora não sejam estas dimensões desprezáveis, são redutoras as exegeses que exclusivamente as cultivam. O mundo do texto é um universo de sentido e é o sentido que primacialmente convoca a tarefa do interpretar. O verdadeiro criador é-o na medida em que, interpretando-se, interpreta o real – o que por isso geralmente se entende, o que nisso ele investe e o que ele com isso significa; inventando-se, reinventa o mundo e cria mundos, pelo movimento criador superando por transformação as orientações dominantes da época e os condicionamentos da sua própria caracterologia. E se estes e aquelas afloram ou se ocultam no texto, só o texto emerge como o *lugar* de todas as articulações de sentido, de permanência e alquimia de sentidos. Só ele convida à travessia para o universo situado além das palavras, universo de que sempre afinal se faz a descoberta de não ser mais do que o universo nunca gratuitamente dado, antes afluído, ainda e sempre, por mediação ou via das palavras.

* Manuel Cândido Pimentel é Professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa) e Director do Departamento de Filosofia e Director do CEFi – Centro de Estudos de Filosofia, na mesma instituição. Membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, sócio-fundador e membro da Direcção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, com obra dispersa por revistas em Portugal e no estrangeiro. Alguns títulos de sua obra: *Antero de Quental: Uma Filosofia do Paradoxo* (1993), *Filosofia Criacionista da Morte: Meditação sobre o Problema da Morte no Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra* (1994), *Odisseias do Espírito: Estudos de Filosofia Luso-Brasileira* (1996) e *A Ontologia Integral de Leonardo Coimbra: Ensaio sobre a Intuição do Ser e a Visão Enigmática* (2003). Além da crítica e do ensaísmo, cultiva a poesia. De entre as suas obras, que tem assinado com o nome literário Manuel Cândido, destaca-se *A Nudez do Tempo* (1995).

Perguntamo-nos pelo autor e pela problemática oculta do autor. A problemática não a dá o texto nem nada a pode dar. O que no texto é susceptível de atingir-se é, quando muito, o resíduo ontológico que dessa problemática nele restou, tal como a identidade do autor é toda a sua obra de subjectivação no texto que criou e veio a nós: a sua visão de si, dos outros e do mundo, o que pensou e o que sentiu, tudo em comum com o que construiu e inventou.

Estas palavras iniciais, se respeitam, ainda que superficialmente, ao que penso da interpretação do texto literário e filosófico e do que entendo pela complexidade do acto de criação,¹ adequam-se, em particular, a este personagem fascinante da nossa cultura, misto de poeta e filósofo, de sábio, profeta, místico e pedagogo: George Agostinho Baptista da Silva.

Mais do que prender-se a um ou a outro sistema filosófico, àquela corrente ou tendência literária, a este ou demais culto de género e de forma, cultivou a sapiência no grau maior, a sapiência que não se acha no plano do saber disperso e fragmentário, antes no plano do Verbo pelo qual todas as coisas e saberes se fazem um. Entre nós, soube traduzir, no pensar e no agir, a tão antiga como nova verdade do fragmento de Heráclito: «A sapiência consiste apenas nisto: ser familiar do pensamento que governa o todo por meio do todo.»²

Porque Agostinho da Silva apreendeu o núcleo da verdade heraclítica e nele se colocou, frustrar-se torna a tentativa de encaixá-lo na circunscrição de um nome – poeta, filósofo, místico, pedagogo..., identidades que, outrossim, recusou, embora nelas e nas expressões delas se tenha aflagido e encoberto e, para nós, viva oculto, paradoxalmente sendo, a um tempo, todas elas. O que ele não disse e não quis dizer foi que uma valia mais do que outra ou que numa mais estaria do que noutra em particular. Não o poderia ter dito quem, olhando-se a si, de si escreveu: «Não sou do ortodoxo nem do heterodoxo; cada um deles só exprime metade da vida; sou do paradoxo que a contém no total.»³

Melhor do que a tentação do juízo e o querer a definição, aceite-se a obra de Agostinho da Silva como o poema de uma vida. Aceitar isso é recolhermo-nos na visão do paradoxo, a que tudo inclui, tanto quanto exclui as definições do todo pela composição da parte. O processo da seiva vital que gera a rosa não serve para definir a rosa nem a rosa para definir a seiva. Se a parte é na geração do todo, o todo cria a parte. Está aí a filosofia de Agostinho: uma ânsia de ser todas as possibilidades, uma existência que não renunciou a querer saber o que é a existência – ainda que muda fosse a resposta –, uma cruzada pelo uno, a unidade e o infinito – ainda que confusa fosse a navegação, incerta a demanda. São os rasgos constantes, perceptíveis nos seus textos; desprendem-se do marulhar das suas palavras de embate ao nada e à possibilidade do nada,

de encontro à contradição e em convívio com a contradição: o ser e o não ser, o agir e o não agir, a quietude e a inquietude, a esperança e a desesperança...

Nas contradições que sentiu e exprimiu, o poema da vida – a sua poesia e a sua filosofia, numa palavra, a obra: a reflexiva, a ficcional e a poética – tem o entusiasmo bastante do marinheiro que afronta as vagas na alegria hercúlea de saber que o desconhecido é símbolo de mistério, que o pode afundar no imo do oceano; talvez para o devolver às praias que, um dia, sonhou, que não conhecia, mas estremecia, como para aquela camoniana Ilha dos Amores, a que encanta o imaginário de Agostinho, se encaminham as contradições de nós para reciprocamente se anularem no chão fértil de sua unidade.

O que requinta a sentida senda do marinheiro, a que subitamente podem faltar sextante e leme – e o marinheiro é, para Agostinho, uma imagem existencial dele próprio, de nós portugueses e, universalmente, da condição humana –, no risco de perder-se, é o confiar-se à verticalidade do futuro, cantando:

Nunca voltemos atrás
 tudo passou se passou
 livres amemos o tempo
 que ainda não começou.⁴

Há nesta quadra a mesma incrível força de destinação que gerou Pessoa para a palavra do «homem do leme», que, não obstante o medo, «tremeu, e disse, / ‘El-Rei D. João Segundo!’»⁵ Precisamente nessa força está para Agostinho o ser de Portugal e dos portugueses. O que disse pensou? Multiplamente o expressa na obra. Consciente ou inconscientemente, da amplitude dos oceanos que, no antanho, navegámos, contraiu Agostinho da Silva a imagem peregrinante do Portugal que somos e nunca, apesar dos desmentidos do menos real, deixámos de ser e continuaremos a ser na alma dos Agostinhos que filosofaram e poetaram neste chão do Santo Espírito, as terras de Camões, de Vieira e de Pessoa, génios heterónimos de Portugal, como o marinheiro de *Mensagem*, todos eles convocando-nos a tornar «coerentes os contrários», «em toda a tessitura de pensar e viver», para nos fundarmos «em ser o irracional tão de razão como o seu inverso».⁶

É sobretudo nas páginas da longa entrevista a Antónia de Sousa – *O Império acabou. E agora?*⁷ – que se torna sensível a dilatação da ficcionalidade heteronímica, em desdobramento de motivos pela obra literária e reflexiva do pensador, à imagem de um Portugal que sonha futuros na alma das suas *heteropessoas*, expressão do próprio, que a engendrou para melhor correlato

da palavra *heterónimo*, a propósito da complexa «personalidade pluriforme» de Vieira.⁸ Penso que Agostinho deixou intencionalmente passar a ideia, na entrevista, de uma deslocação do processo heteronímico do plano individual do criador, em que o mesmo processo ordinariamente se coloca e o aplicou Pessoa, para o plano colectivo de um *eu-nós* de plurais faces, adivinhando em cada *eu-um* desse *nós* o viver substancial da força futurante que é destino de Nação, saudade do Quinto Império e cumprimento da Hora.⁹

É provável que nas contradições de Portugal revise Agostinho as contradições que em si, de si e para si concebeu, como possivelmente de génese colectiva inconsciente foram as contradições em Pessoa, e visse no forjar ficcional, que no nível dos processos do fingimento literário encontramos, a natural consequência, nele, do modo português de inventar-se, que no outrora efectivamente se inventou Portugal, que no futuro a invenção continuaria a ser. A invenção, senda existencial de nós próprios, tem uma exigência. Há que ousar querer a Ilha dos Amores. Ousadia a que se resumem *Os Lusíadas* de Camões, a *História do Futuro* de Vieira e a *Mensagem* de Pessoa, os relatos vivos do profetismo de Portugal. Extensivamente, poderíamos à obra desta tríade aplicar o que Agostinho disse de *Os Lusíadas*, como o seu título verdadeiro: «[...] a Viagem do Nada que nós somos, por Tudo sermos, ao Tudo que são todos sendo Nada.»¹⁰

À parte a abrangência do colectivo pela teoria heteronímica ou da *heteropessoa*, que significa o processo de criar ou gerar *outras pessoas*, na relação com o criador, mas já no fruto de ser um outro passemos ao plano ficcional do fingimento heteronímico, observando que o que aqui me interessa não é o tema psicológico do fingimento nem a atitude moral que suscite.

Atendo ao processo ficcional que o fingimento, em literatura, implica e, no registo filosófico, especialmente metafísico e ontológico, à ficcionalidade do fingir coordenada aos actos de criação de mundo. A prosa ficcional e filosófica, bem como a poesia de Agostinho da Silva mergulham no húmus imaginante do fingimento; e desse húmus brota a coerência da visão do real que ostenta nas orientações para uma busca impenitente e incansável da unidade. Ganhe-se ou perca-se a unidade no encontro com o outro de mim mesmo, sempre será a unidade o objecto da demanda. É até por isso que a obra de Agostinho se apresenta como uma jornada que renasce a cada instante das rotas que aventura. A geografia é a da descoberta. Não a do repouso, mas a geografia incessante do imprevisível.

Pelo maravilhoso do imprevisível do que finge em outros, o poeta apresenta-se:

Nesta confusão navego
 neste tumulto me entendo
 não me importa o que sou eu
 mas o que os outros vão sendo.¹¹

As *Quadras Inéditas* de Agostinho são um formoso repositório do fingimento literário, assinalado logo na primeira quadra introdutória em que o autor pretende o juízo dos leitores sobre a qualidade de seus versos, negando-se, como autor, o apresentar-se poeta, que, se aquela qualidade for real, por certo que o reconhecimento será para um outro o verdadeiro poeta que as quadras a ele deram:

Se estas quadrinhas não prestam
 com certeza as compus eu
 mas se boas foi poeta
 além de mim que mas deu.¹²

A subjectividade desdobrada em outro que os versos iniciais convocam transfigura a tessitura poemática de *Quadras Inéditas* ao dá-la à operosidade autoral dos múltiplos, sobre cuja coerência se funda toda a verdade de ser e sentir, «coerência inventada/ por um saber que imagina/ que sabe e não sabe nada».¹³ *Um saber que imagina* não é sujeito, mas transformação de aqui e agora, circunstância que, por vezes, é e, outras, não é; só o movimento incessante me *traduz o que vou sendo*, pelo que é do que vou sendo que o sujeito emerge, sem mais razão de nascer do que de morrer, sujeito cujo ser, se algo for, ou é nada, ou, para não sê-lo, tem de *fingir* o que é, espreitando-se nos interstícios do que *está fazendo*:

O que faço só importa
 se traduz o que vou sendo
 se assim não for tudo é nada
 só finjo que estou fazendo.¹⁴

Talvez chegues tu a ver
 que só o nada é real
 e que a partir de não ser
 te construirás total.¹⁵

O sujeito carece de importância para esta poética da alterização contínua, que só nela entra verdadeiramente real para as cisões que nele se operam,

para a criação e a recriação de sujeitos. Agostinho eleva-se à inefabilidade de um pensar que cria sem ser sujeito, porque, na origem, o pensar do pensamento carece da identidade que o permitiria anunciar-se o sujeito que habitualmente convivemos para o *quem* de quem pensa:

Primeiro há um pensamento
que pensa sem pensador
e logo pensa quem pensa
que pensa tudo ao redor.¹⁶

A temática da dessubjectivação do pensar criador não aflora somente na poética de Agostinho. Estigmatiza, indelével, a prosa reflexiva, como, por exemplo, na aforística de «Pensamento à Solta»: «Penso, como ser pensante, que nada existe senão o pensamento, o qual me pensa como ser pensante.»¹⁷ O polimorfismo do pensamento funda o ser possível de todo o heterónimo e dá densidade metafísica e essencial verdade aos eus nos quais o eu se finge. Há ainda uma dramática altura na dessubjectivação, a que, no grau ontocosmológico, vem da dúvida, a qual só o agir no risco superaria:

[...] pendo a crer, [...] não há no mundo mais nada além de pensamento que talvez a nós nos pense como seres pensantes, tudo ainda por cima sem pensador supremo, admiremos, amigos, a tapeçaria, sejamos nela gostoso ou maltratado fio, que outra coisa não poderíamos ter sido sendo tudo como é no resto.¹⁸

Foi Pascoaes, se não estou em erro, que classificou o poeta como um ressoador universal. Agostinho assume a realidade ontológica desta metáfora cuja tradução clássica está na inspiração das musas; em versão simbolista, é o eu sofrido, aquele que sofre a mágoa de todas as coisas, o canal por onde fluem vozes e personagens, como na poesia intimista de Roberto de Mesquita. O caso é evidente na quadra introdutória a *Quadras Inéditas*, que citamos: o autor assume o papel de veículo de um dizer que não é o dele.

O mesmo se passa com a quadra, no mesmo livro, que reza que

Por aqui passou Camões
e o vário que nele havia
o que fora ainda o sendo
pronto a ser o que seria.¹⁹

— pressurosamente anotada: «Quadra que nos comunicou a casa quinhentista do Largo do Menino de Deus em Lisboa, 1100.»²⁰

Em *Carta Vária*, o poema, incluído também em *Do Agostinho em torno do Pessoa*, e diferentemente titulado (naquela: «Um Poema de Ofélia a Conselho de Alberto Caeiro»; nesta: «Poema de Caeiro a Fingir-se de Ofélia»²¹), está datado de 5 de maio de 1987, informando-se o leitor de que foi «transmitido a Agostinho da Silva».²² Isto nos faz pensar numa curiosa associação dos motivos clássicos da inspiração com as comunicações metapsíquicas, outros tantos processos ficcionais do fingimento, dispostos a alcançar um outro visto ou dado em espírito em Agostinho ou que tornam Agostinho um heterónimo de outros que fazem nele a casa do ser. Para a ciência desta heteronomização se deve contar também a

«Exortação à Portuguesa Língua que o Doutor Luís António do Vale de Aboim compôs na sua Casa de Amarante em tempo de Filipes e agora novamente dada à estampa nas festas de junho por seu heterónimo Agostinho e por ele enviada aos Amigos».²³

Como acontecia em Fernando Pessoa, e foi o caso Pessoa uma obsessão permanente para Agostinho, a subjectividade é vária porque vem de nascimento múltipla: «[...] nascemos múltiplos e são as circunstâncias da vida que nos impedem a multiplicidade», dizia a Antónia de Sousa.²⁴ Agostinho não renunciou a ser o que a não-identidade de origem encerra: o múltiplo de ser para *ser sendo* em vários.

Viu nessa não-identidade o lume transsubstanciador que presidiu ao forjamento das personalidades em que se desvendou: o ficcionista, memorialista ou, talvez, autobiógrafo, que concebeu em Mateus-Maria Guadalupe, o escritor de *Herta. Teresinha. Joan* e de «*Macaco-Prego*». *Lembrança Sul-Americana*,²⁵ o pensador de *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, José Kertchy Navarro, cuja biografia, inserta na parte final da obra, é uma peça de jogo ficcional, uma autobiografia fictiva em parte composta com verdades da vida de Agostinho da Silva,²⁶ e, finalmente, o Estrangeiro da *Conversação com Diotima*, do qual, para ilustração de heteronímia, colhemos, na última fala:

Todo o poeta é um actor e nem eu próprio sei realmente se o que ouviste é de mim ou de uma das minhas personagens. Existo eu próprio fora delas, nitidamente separado de cada uma das minhas criações? Nelas existo, disso estou certo, nem poderiam viver, se cada uma não fosse eu mesmo; mas não te posso afirmar, Diotima, que seja sincero ou falso no que digo.²⁷

Pessoa forjou as ficções de si no *interlúdio* dos seus heterónimos, ele um heterónimo talvez de Caeiro ou só de Caeiro, seu mestre, como o classifica numa carta a Adolfo Casais Monteiro.²⁸ Agostinho viveu o pasmo que as primeiras leituras de Pessoa lhe causaram e não mais, desde aí, deixou de o meditar, dos heterónimos realçando o Alberto Caeiro, «o de maior interesse»,²⁹ reverberando na escrita reflexiva e na criação literária o drama fictivo pessoano. E os outros nomes do Pessoa, além do Caeiro, o Ricardo Reis, o Álvaro de Campos, o Bernardo Soares, transferem-se do domínio da crítica e da interpretação para o plano já ficcional, não os outros de Pessoa, mas os outros de Agostinho, com os quais convive e que, não existindo embora, com ele vão sendo, o que é um outro desígnio de existir. O mais singular desta transferência encontra-se em *Carta Vária*:

E, já agora, a identidade: sou o Bernardo Soares, o que deixou aí os manuscritos, bastante desordenados, a que se deu nome de *Livro do Desassossego* e que nunca arrumei porque afinal a ordem era interna e se cumpria conforme lhe apetecia a ela ou a tal levavam as circunstâncias, e, por conseguinte, vai aparecendo conforme se afigura melhor a seus diligentes editores. Quanto a Agostinho, de que faço eu meu secretário, vamos dizer tele-secretário, [...] mais gostaria eu de lhe chamar George, que é o seu nome de baptismo e por ele o conheci eu [...]; pois por George conheci eu o Agostinho quando mo apresentou sua avó algarvia, a excelente Maria da Cruz, já viúva de seu pescador, e isso pelo ano de 14, quando pela primeira vez visitou ele Lisboa e nos encontramos todos num daqueles restaurantes sossegados, baratos e bem servidos [...].³⁰

Soares apresenta Agostinho, seu secretário ou tele-secretário, a quem chama pelo nome George, o de baptismo. E George, na sequência do texto, é descrito como amigo de tertúlia com os outros, entre eles o Fernando, o autor de «É a Hora», vindo mesmo a colher sobre ele próprio, George ou Agostinho, o seguinte juízo de Soares – este dito já distinto do Fernando e dos dois distinto se forma o George, cuja produção literária com as de aqueles não se confunde, o que é modo de ao leitor dizer que o que lê não lê como sendo de George, mas de Soares, podendo, no entanto, ser de George:

Se o George não der sinal no que é autor, o que é muito dele, tão metido a modesto, o que também pode ser um método ou uma inteligente manha, vocês o distinguirão pela qualidade ou pelo tom.³¹

À *Carta Vária* assiste um modelo de cruzamentos de falas de personagens que Agostinho inventa ou que reinventam o Agostinho que escreve, como se comprova:

Pois isto agora vai ser assim: irá escrevendo cada um de nós o que for acudindo ou o que forem pensando e dizendo George ou a Maria ou qualquer Amigo dos dois, mesmo os Amigos que lhes apeteça inventar, ou conversas que uns quaisquer tiverem com quaisquer outros ou o que lembre a outra gente e nós formos registando [...].³²

Estas passagens transmitem-nos o quão bem fundo caiu em Agostinho da Silva o fingimento heteronímico de Pessoa, que persistentemente perseguiu e distinguiu por pensamento próprio, que originalmente não se encontra em Pessoa. A teoria heteronímica de Agostinho recolhe as possibilidades filosóficas e mesmo teológicas da heteronímica pessoana. Creio que Agostinho, melhor do que ninguém, soube compreender o que os heterónimos autorais de Pessoa ocultavam muito além dos mecanismos da despersonalização, sobre os quais a expressão pessoana melhor insistiu para, por eles, destacar o finjo do fingimento até ao impossível de fingir o jogo ficcional do fingimento, de que é particular exemplo a tão citada «Autopsicografia», na parte do verso em que «o poeta fingidor» «Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente».³³

Agostinho da Silva orientou-se da poética da despersonalização de Pessoa para uma metafísica da criação heteronímica e para uma teologia dos heterónimos, que, de facto, não se reduzem a Pessoa, embora eu pense que nelas se contêm bons motivos hermenêuticos para a compreensão da teoria heteronímica pessoana nos processos não já psicológicos, mas ultimamente metafísicos.

A reorientação da ficcionalidade literária do fingimento pessoano para uma metafísica da criação tem o seu mote sintético na seguinte quadra:

Sobre Fernando Pessoa
darei a coisa correcta
quem é mesmo criador
cria poema e poeta.³⁴

A poesia de Agostinho da Silva, tanto quanto a sua filosofia, é fortemente interiorista, subjectivamente metafísica. A contemplação das paisagens íntimas da subjectividade, apesar da contracorrente da dessubjectiva-

ção do pensamento, não deixa de emergir um eu cuja unidade se presente nas contínuas e múltiplas formas das dilacerações em que se exprime ou que para si representa, como na fala há pouco citada do Estrangeiro, endereçando-se a Diotima.

O Estrangeiro contempla uma unidade procurada e possível na descen- tração do mesmo, não sendo os outros mais do que um eu como o eu mesmo, mas, admitindo a imprevisibilidade da verdade no interior da contradição, sugere serem eles o que há de essencialmente diferente do mesmo que neles se revê. Daí a conclusão abrupta, logo após retorquir que não pode afirmar ser sobre isso sincero ou falso: «Não tens que me considerar a mim mas ao estrangeiro que falou: com ele conversaste, não comigo.»³⁵

É o reenvio para o texto do diálogo, feito memória em Diotima, o único lugar das criações e recriações de sentido. O eu do estrangeiro desvanece-se: «Não tens que me considerar a mim...» É a assunção vívida da máscara. A recolocação do fingimento.

Não pode deixar de preocupar-nos nesta altura a pergunta pela verdade. Se com ela não se preocupa o poeta, com ela se preocupa o filósofo. E o Agostinho, filósofo que foi, ou *poeta à solta* como se disse, afrontou com coragem o problema, ainda que perseverando na lógica da contradição: «Contradizer-me me dá segurança de que atingi a verdade possível.»³⁶

Para quem vê no fingimento o oposto da verdade é porque não entendeu o que há de paradoxo na verdade e de como é paradoxal a vida e o existir. O filósofo que fingisse múltiplos sistemas não estaria menos na verdade do pensamento do que o outro de um só sistema. Só que aquele seria mais rico e várias e, admitamos que por isso, mais próximo da verdade. A contradição, ou o desdobramento em outro que contradita o mesmo, é face da verdade, porque, na contradição, o mesmo e o outro se revelam como *mesmo* e *outro*.

Se, como diz Agostinho em «Pensamento à Solta», tudo é «pensável pelo pensamento», então a contradição, o antagonismo, a antinomia e o paradoxo são pensáveis, mas, para o serem, isto é, pensáveis, necessário se torna tudo incluir «numa ideia de criação contínua».³⁷ A criação contínua excede a metafísica da criação heteronímica, afunda-a e mergulha-nos no coração do ser, leva-nos à porta sagrada que nos abre a Deus.

Uma tal direcção não é imprevista. Agostinho da Silva, pelo pensamento propenso para os assuntos difíceis do sagrado, tinha de necessariamente orientar criador e criação para o que insuperavelmente os sobrepuja. Mas ainda aqui a lógica que se ordena a pensar Deus é raciocínio na contradição, por isso não denega a dúvida, afirma-a como um acto de fé em

Deus. Só na absurdidade se pensa o que não pode ser superado pelo pensar. Ora, pensar o princípio é um trabalho de lógica e de ilógica: «Sempre que há princípio, diria São João, há lógico e, portanto, ilógico [...]», escreve em «Pensamento à Solta».³⁸

Na recusa dos antropomorfismos e na consciência de que os nossos conceitos são pobres e redutores, inaplicáveis a Deus, como o conceito de existência, Agostinho da Silva chama «Deus ao Pensamento», *o nome que dá ao inominável*,³⁹ um Deus que está nos contrários e no traço inefável de coincidência entre eles, tal como, para o coração, a coincidência da sístole e a diástole.⁴⁰

Este Deus não é solitário. A concepção que dele tem Agostinho suscita-me a imagem de um suspiro criador de Deus querendo ser muitos. Na pureza infinita de si, Deus não é em solidão. O mundo exige-o, assim como o principiado exige o princípio, como o compreendente o compreendido e como o amante o amado. O que os une? O terceiro termo. A criação e o amor:

[...] para que haja o que concebemos por mundo é preciso que haja alguma coisa compreensível e para que essa coisa seja compreensível é necessário que haja outra coisa, ou ela própria que a compreenda; isso mesmo: o mais simples é que de princípio exista o que seja compreendente e compreendido, ao mesmo tempo; ora, entre o compreendente e o compreendido, sejam os dois o mesmo ou não, alguma coisa há de comum, porque senão não havia compreensão alguma; esse comum é o primeiro e o segundo e, simultaneamente, outro. Eu cá acho que deve ser o mesmo quando duas pessoas se amam: há o amador e o amado e o terceiro, o mais importante talvez, o fundamental, é o comum amado amor que a si próprio neles se ama. [...] Pois bem, aqui têm os senhores o que os cristãos chamam Trindade ou Deus Trino e Uno.⁴¹

O avizinhamento dos processos da criação ficcional e poemática, enquanto por eles advém o verbo ao mundo, da processualidade do amor e da processão do Uno-Trino, é um traço dos mais típicos de Agostinho da Silva. Na comunhão explícita do criar ficcional e poético com o criar amoroso do Criador, numa linha de tangências do acto criador ficcional com a raiz paracética da sua filosofia, encontramos o pensamento secreto de Agostinho: o heteropessoalismo da divindade é uma teologia da heteronímia. Deus, não como origem segundo o tempo, mas a origem segundo o ser e o nada, é fundamento último de toda a heteronímia como criação no tempo.

O segredo da heteronímia perde-se no sagrado das origens, projecta-nos além do tempo, para a trindade divina, e, por descenso ao tempo, reenvia-nos para o que, em nós, sonha Deus e age como Deus: “Só criando a partir do nada serás à imagem e semelhança de Deus”.⁴²

Dizê-lo é também pensar Deus o heterónimo do homem, tanto quanto o homem, pela imagem e semelhança, se concebe o heterónimo de Deus: “Criou Deus o homem e logo este, por lhe ser à imagem e semelhança, criou a Deus.”⁴³

E eis o analogismo do criar divino e do criar humano:

A certa altura, e sempre, Deus entrou em êxtase e, simultaneamente, apareceram a sua transcendência e o mundo; quando o homem, à sua imagem e semelhança, em êxtase entra, pela criação, simultaneamente surge a imanência e o nada.⁴⁴

Por tudo isso mantenho ter sido Agostinho da Silva quem tirou as consequências teológicas da teoria heteronímica de Pessoa. E se faltasse comprovação, eis que do próprio nos chega o seguinte passo:

Diríamos [...] que não somos muito diferentes do que Pessoa foi, descontando o nível, e que só pela pressão das circunstâncias ambientes ou por comodidade nossa nos não distendemos aos vários que somos, exactamente como ele o fez. Contra o que somos ou fomos ou formos, como fenómeno ou heterónimo – e uma teologia mais ousada a tudo poderia dar como heterónimo de Deus, e dele só de heterónimos sabemos e sobre eles escrevemos a nossa física ou a nossa psicologia [...].⁴⁵

Vimos da experiência poética e ficcional do fingimento heteronímico e de uma visão metafísica do que de mais essencial há no criar do pensamento até uma teologia dos heterónimos ou, na melhor expressão de Agostinho, a uma teologia das heteropessoas, uma original visão paraclética das possibilidades teândricas e teocosmológicas do ser e do ser do homem, ambos *revelando-se* na multivária expressão do pensar e do agir multiplicados em criação.

Agostinho olhou o mundo no simbolismo expressivo do Espírito. O cosmos foi para ele o símbolo transmutado, uma imensa rede de significações, as pegadas que Deus deixou no deserto e pelas quais o animou de oásis, ilhas de vida, lugares «onde as antinomias terminam e onde os paralelismos se fundem».⁴⁶

O pensamento ortónimo de Agostinho é o pensamento dos seus heterónimos ou do que pensou como o diferente de si. Eles são as figurações do que finge como o que não é para atingir-se como o que é, embora haja por aí o risco de a barca de Caronte naufragar no rio e no silêncio do que não mais é memória, quem sabe se o esquecimento para gozo de maior memória.

Forjamo-nos a nós e este forjar é já criar heteronímico algo que não sabemos quem seja, mas que percebemos ser o irreduzível de nós ao número do bilhete de identidade. Como posso saber-me no que crio como a *minha* identidade que não esteja nas pessoas em que me crio? Há um momento em que a biografia dos outros é a minha autobiografia, mas a tal ponto que a ficcionalidade do fingir-me fingindo-me outro representa, pelos mesmos traços da biografia fictiva, a autobiografia que colhi na história dos meus próprios passos, por entre as circunstâncias, decisões, indecisões, do agir e do não agir, do aceitar e recusar.

A biografia ficcional de personagens e a autobiografia do personagem que me sei ou julgo saber estão bem expressas nesse personagem trágico, misto de filósofo, pedagogo e poeta (o próprio Agostinho?), que foi José Kertchy Navarro, como também presente no George, subsecretário de Soares, personagem ficcional de Agostinho e personagem ficcional de Bernardo Soares, já ficção do outro que foi Pessoa e Fernando ou do outro que Agostinho pensa ser Pessoa.

A pergunta *Quem foi Agostinho?* é a pergunta que cada um de seu nome próprio coloca a si próprio. Onde me reconheço? Em que nome? Em todos os que são os meus, em parte deles, no primeiro ou no último? O drama de Agostinho é o drama de George? Ou é Agostinho a personagem ficcionada por George?

Não há *cogito*, só o drama em sê-lo.

Notas

1 Para maior desenvolvimento, veja-se o meu texto «Elementos para uma Fenomenologia Literária do Texto Filosófico», in *Philosophica*, Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, n.º 9 (1997), pp. 7-31.

2 Heráclito, frg. 41.

3 Agostinho da Silva, «Pensamento à Solta», in *Textos e Ensaios Filosóficos*, coordenação geral e organização de Paulo Borges, vol. II, Lisboa, Âncora Editora, 1999, p. 145.

4 Agostinho da Silva, *Quadras Inéditas*, Lisboa, Ulmeiro, 1997, p. 77.

5 Fernando Pessoa, «*Mensagem*», in *Obras de Fernando Pessoa*, introdução, organização, biobibliografia e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa, vol. I, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1986, p. 1.156.

- 6 Agostinho da Silva, «De como os Portugueses retomaram a Ilha dos Amores», in *Carta Vária*, Lisboa, Relógio-d'Água Editores Lda., 1990, p. 137.
- 7 *Idem*, *O Império Acabou. E agora?*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000.
- 8 *Idem*, *ibidem*, p. 97.
- 9 «Ó Portugal, hoje és nevoeiro...// É a Hora!» (Fernando Pessoa, «*Mensagem*», *op. cit.*, p. 1.168.)
- 10 Agostinho da Silva, «De como os Portugueses retomaram a Ilha dos Amores», *op. cit.*, p. 137.
- 11 *Idem*, *Quadras Inéditas*, *op. cit.*, p. 74.
- 12 *Idem*, *ibidem*, p. 7.
- 13 *Ibidem*, p. 85.
- 14 *Ibidem*, p. 86.
- 15 *Ibidem*, p. 132.
- 16 *Ibidem*, p. 102.
- 17 *Idem*, «Pensamento à solta», *op. cit.*, p. 146.
- 18 *Idem*, «De como os Portugueses retomaram a Ilha dos Amores», *op. cit.*, p. 137.
- 19 *Idem*, *Quadras Inéditas*, *op. cit.*, p. 94.
- 20 *Idem*, *ibidem*.
- 21 Cf. *idem*, *Do Agostinho em torno do Pessoa*, Lisboa, Ulmeiro, 1990, p. 21.
- 22 *Idem*, *Carta Vária*, *op. cit.*, p. 40.
- 23 *Idem*, *ibidem*, p. 139.
- 24 *Idem*, *O Império Acabou. E agora?*, *op. cit.*, p. 191.
- 25 As obras estão reeditadas in *Estudos e Obras Literárias*, coordenação geral e organização de Paulo Borges, Lisboa, Âncora Editora, 2002, pp. 73-182. Vejam-se também as *Lembranças Sul-Americanas de Mateus-Maria Guadalupe seguidas de Tumulto Seis e Clara Sombra a das Faias*, *ibidem*, pp. 183-287.
- 26 Cf. Agostinho da Silva, *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, *op. cit.*, vol. I, pp. 231-285. Em especial, o «Esquema Biográfico», assinado pelas iniciais P.M. (pp. 273-278), e a «Nota Final», subscrita (heteronimicamente?) por José Muriel (pp. 278-285).
- 27 *Idem*, «Conversação com Diotima», in *Textos e Ensaios Filosóficos*, *op. cit.*, vol. I, p. 170.
- 28 Cf. Fernando Pessoa, a carta de 13 de Janeiro de 1935, in *Obras de Fernando Pessoa*, *op. cit.*, vol. II, p. 341.
- 29 Agostinho da Silva, «Do Previsível e do Imprevisível», in *Textos e Ensaios Filosóficos*, *op. cit.*, vol. II, p. 379.
- 30 *Idem*, *Carta Vária*, *op. cit.*, p. 64.
- 31 *Idem*, *ibidem*, p. 65.
- 32 *Ibidem*, pp. 67-68.
- 33 Fernando Pessoa, «Autopsicografia», in *Obras de Fernando Pessoa*, *op. cit.*, vol. I, p. 314.
- 34 Agostinho da Silva, *Do Agostinho em torno do Pessoa*, *op. cit.*, p. 7.
- 35 *Idem*, «Conversação com Diotima», *op. cit.*, p. 170.
- 36 *Idem*, «Pensamento à solta», *op. cit.*, p. 145.
- 37 *Idem*, *ibidem*, p. 148.
- 38 *Ibidem*, p. 155.

39 *Ibidem*, p. 145

40 Cf. *ibidem*, p. 161.

41 *Idem*, *Carta Vária*, *op. cit.*, pp. 71-72.

42 *Idem*, «Pensamento à Solta», *op. cit.*, p. 153.

43 *Idem*, *ibidem*, p. 155.

44 *Ibidem*, p. 160.

45 *Idem*, «Do Previsível e do Imprevisível», *op. cit.*, p. 381.

46 *Idem*, «Ecúmena», in *Textos e Ensaios Filosóficos*, *op. cit.*, vol. II, p. 206.

Resumo

O tema do fingimento constitui um legado de Fernando Pessoa em Agostinho da Silva, o poeta que este mais admirou e amou. Pessoa está na origem do fascínio de Agostinho pelos jogos ficcionais da despersonalização e da heteronímia, bem presentes na sua obra poética, ficcional e teórica. O tema pessoano do fingimento está, em Agostinho, intimamente ligado ao processo criador do sentir poético e do pensar, capazes da heteronímia ou do despertar do ser múltiplo ou vários no ser que sente, que conhece e que pensa. Nos seus aspectos mais profundos, o tema do fingimento encaminha-nos para uma metafísica da criação heteronímica e para uma teologia dos heterónimos.

Palavras-chave: *Cogito*; Fingimento; Heterónimos; Fernando Pessoa.

Abstract

The simulation theme constitutes Fernando Pessoa's legacy in Agostinho da Silva's work, being Pessoa the poet who Agostinho most admired and loved. Pessoa is the source of Agostinho da Silva's fascination for the fictional games of depersonalization and heteronyms, present in his poetic, fictional and theoretical work. Pessoa's simulation theme is deeply connected to Agostinho da Silva's creative process of poetic feeling and of thinking, capable of heteronyms or of the awakening of a multiple or varied being in the being that feels, that knows and that think. On its most profound aspects, the simulation theme leads us to the metaphysics of heteronymic creation and to a heteronym theology.

Keywords: *Cogitate*; Simulation; Heteronym; Fernando Pessoa.